

FORÇAS ARMADAS: O BRASIL CONFIA

O responsável pelo Centro de Comunicação Social do Exército comenta o resultado da pesquisa do Conselho Nacional de Justiça que apontou as Forças Armadas como campeãs de confiabilidade

Por Jeferson Melo
Fotos Rodrigo Farhat

O Brasil confia nas Forças Armadas. É o que revela pesquisa de opinião realizada pelo Conselho Nacional de Justiça. O resultado coloca as forças militares, ao lado da escola, como as instituições detentoras dos mais elevados índices de confiabilidade entre os brasileiros. Ambas alcançaram 82% de aprovação (sendo que a escola perde pontuação no índice de não-confiança: 14% contra 12% das Formas Armadas).

O resultado coincide com a postura dos militares de dedicação às questões estratégicas envolvendo a segurança nacional, consolidada nos últimos 24 anos, desde que o poder retornou às mãos civis. Os números também contrastam com tentativas de segmentos da mídia de buscar uma revisão ideológica do período da ditadura e mostram que os brasileiros estão satisfeitos em contar com as Forças Armadas cumprindo suas funções constitucionais.

Na avaliação do general Adhemar da Costa Machado Filho, chefe do Centro de Comunicação Social do Exército (Cecomsex), a aprovação é fruto de uma postura das Forças Armadas no processo de integração e desenvolvimento do Brasil. "Sem dúvida nenhuma, a sociedade identifica o trabalho diuturno que a gente realiza. Nossa dedicação, profissionalismo, discrição e apartidarismo", avalia. Na entrevista a seguir, o responsável pela comunicação do Exército e pelo relacionamento da instituição com a sociedade fala da imagem da corporação e da atuação dos militares em diferentes ações no país.

Como o senhor avalia o resultado da pesquisa do CNJ e que fatores levaram as Forças Armadas a ocupar essa posição?

Adhemar da Costa Machado Filho Nos últimos dois anos tive acesso a duas pesquisas de confiabilidade. Uma feita pela Associação dos Magistrados do Brasil e outra pelo Instituto Sensus. Este ano essa pesquisa do CNJ veio corroborar os resultados anteriores e mostra o elevado índice de confiabilidade nas Forças Armadas. A sociedade vê e identifica o trabalho do Exército. Atribuo tal aprovação à postura que as Forças Armadas adotam no processo de integração e desenvolvimento do país.

As Forças Armadas viveram um período *low profile* nos últimos anos, após a redemocratização ocorrida na segunda metade dos anos 80. Foi um tempo de purgação após o regime 64-85?

Machado Filho É preciso contextualizar os acontecimentos. Se analisarmos o passado, sem considerar o momento em que ocorreram aqueles feitos, corremos o risco de errar na avaliação. Aquele período se encerrou em 1985, toda a sociedade brasileira, as Forças Armadas e o Exército sentiram que era o momento de mudança, de vencer uma etapa e recomeçar outra. Naquele período da história do Brasil houve uma participação política mais forte das Forças Armadas e, com um sentimento generalizado, todos concordaram que era hora de mudar. O Brasil viveu um novo cenário político-econômico e o Exército rapidamente se inseriu nele. Deixou de ser um protagonista mais forte na política e se voltou basicamente para uma maior preparação profissional, ciente de que o país está seguindo seu caminho. E estamos plenamente ajustados às mudanças que ocorrem e que ocorreram no mundo.

O senhor fala em profissionalização do Exército? Qual a abrangência desse trabalho e qual sua relação com as novas funções estratégicas que o Exército desempenha?

Machado Filho É a busca por tornar o Exército cada vez mais capacitado a desempenhar bem o seu papel. É entender a evolução da doutrina militar mundial, entender o seu contexto e se inserir nele. Não se pode ter hoje um exército que pauta sua doutrina pela Segunda Guerra Mundial. O mundo mudou muito e, caso seguisse ainda aqueles parâmetros, o país teria um exército defasado. O Brasil, pelo papel que vem ocupando no conselho das nações, precisa dispor de um poder militar ajustado à sua estatura. A diplomacia – e a nossa força maior é a diplomacia – só tem condições de realizar bem o seu trabalho se houver, por trás dela, o respaldo do poder militar. Pela dimensão do país, pelo potencial das nossas riquezas, do nosso solo, do subsolo, do nosso mar, precisamos de Forças Armadas adequadas à importância que o Brasil tem no mundo.

Pelo papel que vem ocupando, por suas dimensões, pelo potencial de nossas riquezas, o Brasil precisa de um poder militar ajustado à sua estatura

Ao longo da história, o Exército ocupou um papel protagônico na condução dos destinos do país após a participação na Guerra do Paraguai (1864-1870) e culminou com o movimento que levou à República. Desde então passou a ser parte do poder dirigente. Como isso ficou após o final do regime militar de 1964-1984?

Machado Filho O sentimento de Exército, que está intimamente ligado ao início da formação da nacionalidade, surgiu com a Batalha de Guararapes. Para nós, militares, ela teve uma importância muito grande porque a alma do Exército nasceu ali. Ao longo da nossa história ele inevitavelmente foi protagonista de destaque. Então, depois de Guararapes vem a Independência, com D. Pedro I. Que instrumento ele teve para concretizar a independência? O Exército. O Brasil viveu aquelas convulsões, com movimentos separatistas e a grande força disponível para impedir a desagregação da nação foi o Exército. Depois, a Guerra do Paraguai: o Exército retornou trazendo os ideais republicanos. A participação na Guerra do Paraguai teve como consequência a queda da monarquia. E então veio a República e em todos os seus grandes momentos, nas convulsões de República jovem, imatura, o Exército esteve presente. Por ser uma força viva, por contar com pessoas que, no contexto da época, tinham mais preparação cultural e técnica, o Exército era incitado a participar. Depois, na Segunda Guerra Mundial, o Brasil, naquela época bastante periférico, aceita o desafio de enviar uma tropa para a Europa e lutar pela democracia, realizando uma bela missão. Então, o Exército foi intimamente participante da vida da nação. Em 1964, as cabeças pensantes que tinham a responsabilidade de conduzir o Exército, fizeram opções que naquela circunstância julgaram as mais adequadas.

E hoje, como os militares se colocam politicamente?

Machado Filho A geração atual está plenamente sintonizada com a nova realidade do Brasil. Um país que se projeta, que está se integrando cada vez melhor, uma sociedade que participa mais. Então, nesse aspecto, o papel do Exército diminuiu. Porque hoje já temos segmentos plenamente aptos a conduzir a Nação, não precisa mais daquela figura do militar que, ao longo da história, era o mais preparado. Eu parto do princípio de que, se queremos construir bem o presente, temos que olhar para o futuro. Ninguém constrói o presente olhando para o passado. Hoje o Exército está imbuído desse espírito.

O Exército privilegia agora ações estratégicas, voltadas para a defesa do país. Qual o foco dessa atuação?

Machado Filho Houve um passo muito importante dado pela Presidência da República no final do ano passado: o lançamento da Estratégia Nacional de Defesa. Esse documento abre um novo cenário para as Forças Armadas e insere o tema da defesa na sociedade. Muitos problemas que tivemos na convivência entre militares e civis se deve ao fato de os civis sempre desconsideraram esse tema. O mérito que vejo na Estratégia Nacional de Defesa é trazer o tema para a sociedade. Percebo que cresce o número de brasileiros, principalmente do meio acadêmico, estudando o tema da defesa. O civil passa a entender melhor o militar e o militar passa a entender melhor o civil. E quem ganha é a nação, que amadurece e passa a conduzir os seus destinos numa sintonia melhor.

O que é a Estratégia Nacional de Defesa?

Machado Filho São três grandes marcos. O primeiro é um incremento maior da participação do Exército na guarda da fronteira. Mas não é só presença física. Ela agrega a essa presença os meios tecnológicos indispensáveis para cumprir bem a missão. O segundo, sem dúvida de grande alcance, é o incremento da indústria nacional de defesa. Não adianta comprar produtos prontos de fora, pagar caro para ter material que logo se torna obsoleto. Precisamos desenvolver a capacidade para criá-los aqui. E o terceiro é a intenção de estender o serviço militar, permitindo que mais jovens de todos os extratos sociais venham conviver no Exército fazendo cursos de preparação de oficiais da reserva. Assim poderão levar para o resto da vida a noção de participação no processo de defesa da nação.

O senhor acredita que a percepção da população sobre a confiabilidade das Forças Armadas terá impacto na procura dos jovens pela carreira? Como tem sido a demanda nos períodos de alistamento?

Machado Filho Servi grande parte da minha vida em tropa preparando soldados e 99,9% dos jovens que passam pelas Forças Armadas levam para o resto da vida um sentimento de orgulho e gratidão. Isso está refletido nessa pesquisa, que é feita em toda a sociedade brasileira. Um segmento grande que opina é formado por quem conhece o Exército porque passou por ele. O serviço militar é obrigatório, mas, em média, 92% dos jovens que se alistam são voluntários. Isso para nós é bom, porque permite selecionar melhor o jovem que vem servir. Existem também os jovens que veem o Exército como uma oportunidade. Todos que prestam o serviço militar alcançam melhor inserção no mercado de trabalho, porque retornam mais amadurecidos.

Como se dá a formação do militar hoje?

Machado Filho Um dos vetores mais fortes que temos é o ensino militar. O Exército tem uma norma que acho genial: por maior que seja a crise, e se, por causa dela, for preciso sacrificar a compra de novos armamentos, de novos veículos blindados, nós o fazemos. Mas não sacrificamos a área de ensino. A preparação intelectual e profissional do nosso militar é muito boa porque dispõe de um sistema de ensino exemplar. Destaco o Instituto Militar de Engenharia, os colégios militares, os cursos de políticas e estratégias, a Escola de Comando do Estado-Maior, a Escola de Aperfeiçoamento e a Academia Militar das Agulhas Negras. O Exército nunca descuidou da qualidade do ensino e o militar é preparado permanentemente ao longo da vida. E esse fato chama a atenção quando nosso soldado tem a oportunidade de conviver com exército de outros países, como, por exemplo, em missões de paz. A ONU considera hoje o perfil do militar brasileiro, do general ao soldado, como o mais ajustado para as missões de paz. Recentemente o Brasil esteve em Moçambique, Angola, Timor Leste e, agora, no Haiti. Em todos esses países a ONU reconhece nossa participação como exemplar.

Se por causa da crise for preciso cortar a compra de novos armamentos, nós o faremos. Mas o Exército não sacrifica a área de ensino

O Exército tem sido acionado para trabalhos de engenharia e preservação ambiental. Como isso se desenvolve?

Machado Filho Um dos orgulhos do Exército é a engenharia de construção. Ela já escreveu páginas importantes da história do Brasil. A linha ferroviária que liga o Rio Grande do Sul e o Paraná, para escoamento de grãos, foi feita pela engenharia militar, pelos chamados batalhões ferroviários. Estamos trabalhando no aeroporto próximo a Natal. Inúmeras BRs. A BR 367, Cuiabá–Santarém, que foi a grande indutora do progresso na região Oeste. Atualmente estamos duplicando trechos da BR 101 e trabalhando também no projeto de integração do rio São Francisco. Esse trabalho não se resume a levar água para o semi-árido do Nordeste. O Exército realiza um trabalho de revitalização das margens do São Francisco, onde a destruição da vegetação ciliar provocou o assoreamento do rio.

E quanto à presença na Amazônia? Ela está sendo ampliada a partir de uma ação estratégica de garantia das fronteiras?

Machado Filho A Amazônia é a região de grande relevância no mundo e está na agenda internacional. O Brasil tem um relacionamento muito bom com todos os países, mas nós sabemos o que a Amazônia representa. Ela guarda 1/3 da água doce do mundo, uma biomassa como aquela, um potencial de floresta, recursos minerais no subsolo. Então, é lógico que aquela tem de ser uma região prioritária. Mas, desde a década de 70, o Exército tem a região como prioridade estratégica e se esforça para melhor se fazer representar no local. Levamos a brigada de Santo Ângelo, lá do Rio Grande do Sul, para Tefé. Levamos a brigada de Petrópolis para Boa Vista. Estamos levando a de Niterói para São Gabriel da Cachoeira, na Cabeça do Cachorro, fronteira com a Colômbia. Logisticamente, significa tirar um quartel do Rio de Janeiro, com toda a sua estrutura, com os profissionais de carreira, e levar para São Gabriel da Cachoeira. Trata-se de um batalhão de infantaria com três companhias com 700 homens e mais algumas organizações agregadas, como a companhia de comando, hospital, saúde. Nós vamos agora construir um batalhão em Barcelos, que fica próxima à Cabeça do Cachorro, a sudeste de São Gabriel. Depois que esse batalhão se instalar na cidade, a maior empresa de Barcelos será o quartel de infantaria. A existência desse batalhão ali dará vida à comunidade. Haverá um impacto econômico que dinamizará a cidade.

O Exército participa, com o Instituto Oboré, do Descobrir a Amazônia–Descobrir-se Repórter. Que retorno o Exército busca com essa atividade?

Machado Filho Nesse projeto com o Instituto Oboré, que congrega universidades como a PUC, Mackenzie e escolas de ponta como a Cásper Líbero, levamos estudantes para conhecer a Amazônia. O Instituto Oboré realiza um trabalho importante antes da viagem, com palestras, visando preparar o estudante que irá vivenciar a Amazônia. São alunos de Jornalismo, Relações Públicas, Marketing e Ciência Política. Com esse projeto, está se plantando uma sementinha que terá uma importância no futuro do profissional. O cunho estratégico é levar o jovem que está em processo de amadurecimento para conhecer a Amazônia, pois ele será, no futuro, político, empresário, juiz, delegado.

O Exército realiza um bom trabalho de divulgar seus projetos e sua ação?

Machado Filho O Exército vem melhorando sua comunicação social e conta com boa estrutura: uma rádio que, aqui em Brasília, é a segunda mais acessada. Tem uma WebTV. O site do Exército soma 1,1 milhão de acessos mensais. Isso mostra o esforço que é feito para ampliar a comunicação, com ótimo retorno. O público tem perfil variado. Inclui o cidadão em geral, parentes dos militares, estudantes em busca de subsídios para seus trabalhos. Nosso relacionamento com a mídia é bom, muito cordial e bastante profissional. Nós nos respeitamos.

Na chefia do Cecomsex há dois anos, Adhemar da Costa Machado Filho é general desde 2003. Ingressou no Exército em 1970, foi Oficial da Infantaria e instrutor da Academia Militar das Agulhas Negras, da Escola de Aperfeiçoamento de oficiais e da Escola de Comando do Estado-Maior do Exército. Formado em Políticas Estratégicas, com MBA na FGV, comandou um batalhão de Força de Paz em Angola. Foi Comandante da 11ª Região, em Brasília.